

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

A lei de imprensa na Camara

E' PRECISO QUE SE VOTE QUANTO ANTES O PROJECTO — OS "CHANTAGISTAS" E OS "SCROCS" EM MA'OS LENÇO'ES

O projecto da lei de imprensa já foi enviado do Senado para a Camara. E', questão apenas, de dias, deverão começar as discussões em torno desse projecto.

Agora, que se approxima a hora da votação dessa lei, é natural que se tornem mais intensos os commentarios, contrarios a ella, de grande numero de jornaes e jornalistas, que se julgarão prejudicados quando o projecto estiver em vigor.

Ninguem de boa fé, entretanto, e sem que ouça o grito de um interesse pessoal, estreito e sem generosidade, poderá negar a necessidade de uma lei de imprensa no Brasil. A verdade, a tristissima verdade, é que certo periodismo, em nosso paiz, desceu ao ultimo grão da baixez e da miseria. Não são raras as folhas que se entregam, á luz plena de sol, á pratica da chantage, athemorizando aquelles dos quaes poderão vir a auferir lucros com a ameaça de taes e taes putridas publicações. Conhecemos, tambem revistas cynicas, pasquins desmoralizados, que invadem tranquillamente a vida de pessoas de uma absoluta honestidade e cuja pureza para todo mundo deveria ser sagrada.

Durante a ultima campanha presidencial, vimos o mais ignobil, o mais vil dos espectaculos. Não houve honra de politico bernadista que pudesse ficar de pé: as catapultas da imprensa do Sr. Nilo Peçanha, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, enlameavam nomes, sujavam reputação, enoçavam vidas, que tinham a claridade e o esplendor da luz do sol. O eminente Sr. Arthur Bernardes foi a victima maior desses insultos. Deram-lhe a corôa de espinhos e a taça de vinho amargo. Não houve apodo, não houve doesto, não houve opprobrio que fosse sufficiente aos jornalistas do escandalo. E com que injustiça era feita essa campanha! Um homem tem uma vida austera, honesta, pura; sua intelligencia, que desconhece os processos menos limpidos, consegue erguel-o, sem qualquer protecção de quaesquer padrinhos, á mais alta e brilhante das posições. E então começam a chegar os corvos da reputação alheia. E' tervirei!

Que fazer, se a orbita dos jornalistas de tal ordem é extensissima; se elles proliferam de uma fórma extranha — e se a acção coercitiva da lei é demorada e lenta?

A mais facil das attitudes a tomar é essa mesma — aceitar a luta em campo aberto, deixar que venham as insolencias e as maldades e que os insultos e as infamias por si mesmos se desfaçam.

Eis ahí as idéas que nos vêm e que vêm naturalmente a todos os jornaes bem intencionados. O periodismo honesto, aquelle que não tem propositos tortuosos, que não ganha pelas insinuações malevolentes, pelas palavras de vilania, que não assalta, em summa, a honra alheia, como os ladrões das estradas fazem á bolsa dos transeuntes tresnoitados — esse saberá continuar a viver e a progredir, sob o regimen da lei de imprensa. Os jornaes que têm apenas uma finalidade — a finalidade de bem orientar o povo, de bem conduzir a opinião publica, de sadiamente inspirar as idéas e as convicções das multidões — não querem as suas columnas abertas, para, do alto dellas, blasphemar contra a integridade de taes politicos, contra a pureza das intenções de taes "leaders" nacionaes, e, até mesmo, isso clama aos céos!, contra o mais delicado e intimo escrupulo de honra das famílias cujos chefes se acham empenhados no ardor das lutas partidarias.

Por essas razões multiplas, de ordem intellectual e, sobretudo, moral, nós desejamos e defendemos a lei de imprensa. E' claro que não esperamos que, desde o começo, nos venha uma respondendo a todas as exigencias de que por acaso se resinta o nosso systema jornalístico.

Mais tarde, com o tempo, a lei naturalmente irá sendo corrigida, nas falhas que, porventura apresente.

E então o Brasil se poderá orgulhar de possuir uma legislação jornalística completa e perfeita.

(D'A Noticia de hontem.)